

Método irreversível para arquivo

PALOMA OLIVETO

A frase está na ponta da língua dos executivos da CA Technologies, empresa líder mundial em gestão de tecnologia da informação: “Quando me perguntam se acho que a computação em nuvem é algo real, respondo que não. Eu não acho; ela simplesmente é”, diz William McCracken. O CEO da companhia acabava de repetir o que o gerente-geral para a América Latina e o Caribe, Kenneth Arredondo, havia falado pouco antes em uma coletiva de imprensa. O conceito, que nasceu de forma experimental nos Estados Unidos na década de 1990, chegou tímido ao Brasil, mas hoje é considerado uma revolução irreversível no armazenamento e no manejo das informações.

Em evento realizado na semana passada, nos Estados Unidos, a CA reuniu 6 mil executivos de vários países, incluindo o Brasil, onde tem cerca de 150 grandes clientes, principalmente bancos, órgãos do governo e companhias de telecomunicações. O objetivo foi discutir novas soluções em TI, e a computação em nuvem destacou-se nos debates. Como não poderia deixar de ser, a segurança dos dados no novo modelo ainda é uma preocupação, mas a empresa, especializada em softwares, garante que é possível guardar os dados com proteção rigorosa. “Para isso, existem as ferramentas apropriadas”, afirma o diretor-geral da CA no Brasil, Laércio Albuquerque.

Segundo ele, sempre que há inovação à vista, os temores se repetem. “Quando se falava de mainframe, quais eram as preo-

cupações? Segurança, performance e alta disponibilidade. Aí, fomos para o mundo da internet, e as pessoas diziam: ‘Imagina se alguém vai operar a conta corrente na internet; de forma alguma’. Hoje, ninguém vive sem internet. Agora, está todo mundo indo para a nuvem. Qual é o medo? Os mesmos. Isso não muda”, afirma.

O conceito de nuvem varia de especialista para especialista, mas, basicamente, é uma forma de armazenamento e gerenciamento de dados que independe de plataforma. De uma certa maneira, é o que já se faz no Gmail, por exemplo. Seja no smartphone, no computador pessoal ou em um tablet, o usuário pode acessar sua conta em qualquer equipamento e lugar. Os e-mails recebidos e enviados estarão disponíveis, não ficando restritos a uma única máquina. Também produto do Google, o Docs é outro exemplo de computação em nuvem. Quem processa os dados, como planilhas e arquivos de texto, é a empresa. O usuário só cria a conta e a administra onde quer que seja.

Se, contudo, pessoas comuns já temem que suas informações sejam hackeadas, grandes empresas que lidam com dados confidenciais – como a conta bancária de milhões de clientes ou o projeto de um novo produto –, precisam ficar de olhos muito abertos. Até porque, no mercado corporativo, hoje o inimigo não é mais o adolescente nerd que, de sua casa, brinca de invadir sites, deixando mensagens engraçadinhas nas páginas. A ameaça pode estar, por exemplo, até dentro das empresas, seja na pessoa do empregado demitido que resolve se vin-

gar, seja no espião disfarçado de funcionário que rouba dados para repassá-los à concorrente.

COFRES. O vice-presidente da área de segurança da CA na América Latina, Ricardo Fernandes, conta que, na região, já houve casos de funcionários que, com acesso a dados sigilosos, fizeram suas empresas empregadoras de reféns. “A preocupação crescente no mercado é com a ameaça interna. Podemos dizer que a preocupação de nove em 10 empresas é controlar o acesso do funcionário às informações”, conta. Uma das soluções, segundo Fernandes, é o armazenamento de dados em “cofres virtuais”. Para acessá-los, é preciso de uma senha, que expira ao fim da sessão. Um software de segurança rastreia todos os passos do funcionário nesse “cofre”. Sabendo que está sendo monitorado, é mais difícil se arriscar. “Da mesma forma, existem inúmeros recursos para a área de segurança”, garante Fernandes.

Ele assegura, porém, que a proteção de dados armazenados nas nuvens não é só uma questão tecnológica. De acordo com Fernandes, uma tendência das empresas é analisar o comportamento do empregado, algo que exige tecnologia, mas, principalmente, uma boa dose de psicologia. “Se o funcionário acessa a conta sempre de São Paulo, mas um dia acessa do Canadá, por exemplo, pode ser um sinal de risco”, afirma. “Você está lidando com seres humanos. É um processo de educação dos funcionários, que precisam se conscientizar de que podem ser responsabilizados pela fuga de informações, seja por má-fé ou por uma falha”, diz.

CONVERSA RAPIDA // KENNETH ARREDONDO

‘Mais e mais pessoas estão usando a nuvem’

Kenneth Arredondo, presidente e gerente geral da CA Technologies para América Latina e o Caribe, afirma que não vê o Brasil resistente a essa inovação. “Na América Latina, a nuvem é o principal fator de nosso crescimento”, assegura.

JORNAL DO COMMERIO - Como e por que a computação em nuvem está mudando a tecnologia da informação?

Kenneth Arredo - A computação em nuvem está mudando a tecnologia da informação ao oferecer uma nova solução de armazenamento de dados. Nem tudo vai migrar, há muitos sistemas que permanecerão no modelo atual, mas alguns vão passar por esse processo. Tipicamente, quando você migra para a nuvem, você hospeda suas informações em outro lugar, onde elas serão gerenciadas e atualizadas, sem necessidade, por exemplo, de fazer upgrades. Basicamente, a computação em nuvem está mudando o modelo de fluxo de informação. É uma solução muito interessante, que tem sido adotada rapidamente pelo mundo. Como qualquer tecnologia, tem la-

dos positivos, mas você também tem de estar atento à segurança; por isso, tem de ser capaz de manejá-la corretamente.

O senhor acredita que as pessoas confiam nesse modelo de armazenamento de informação ou ainda há questões importantes sobre a segurança? No caso do Brasil, o governo é um dos maiores clientes da CA. Vocês têm uma estratégia para gerenciar na nuvem informações tão sigilosas quanto as de um Estado?

Bem, ainda há muitas questões envolvendo a segurança, e o que a CA está fazendo é tornar a nuvem segura. Nossas soluções envolvem gerenciamento e monitoramento de todo o trabalho de infraestrutura para manter todas as informações em um ambiente completamente seguro. Sim, ainda há resistências e preocupações, mas é como

o internet banking. Quando surgiu, ninguém confiava, todo mundo dizia: “Eu não vou fazer isso, colocar o número da minha conta na internet”. Agora, posso dizer que há anos não vou a uma agência bancária, e minha mulher faz compras o tempo todo no ambiente virtual com cartão de crédito, porque já sabemos que há toda uma estrutura de segurança. Mais e mais pessoas estão usando a nuvem para os negócios e isso vai contribuir para a credibilidade. Quanto ao governo, nós temos sempre as nuvens privadas, que são ambientes extremamente sigilosos.

Como está a aceitação da computação em nuvem no Brasil?

Empresas de todas as partes do Brasil estão adotando a computação em nuvem em diferentes graus. Algumas são mais rápidas, outras mais tradicionais, como os bancos (a Caixa Econômica e o Banco do Brasil são alguns dos clientes). Não vejo o Brasil resistente a essa inovação. Na América Latina, a nuvem é o principal fator de nosso crescimento, mas há outras soluções que estão crescendo tanto quanto. Na primeira metade deste ano, aumentamos em 10% o investimento em pessoal no Brasil. E nos próximos meses vamos investir ainda mais. (PO)